

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC  
LIVROS

Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte, Brasília  
- DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais / organizadores, Elen Cristina Geraldês... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017. 344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO .....</b>	<b>10</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO.....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI .....</b>	<b>46</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA .....</b>	<b>50</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO.....</b>	<b>56</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO.....</b>	<b>62</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>68</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI .....</b>	<b>73</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>86</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS .....</b>	<b>90</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO .....</b>	<b>103</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO .....</b>	<b>113</b>

FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN</b> .....	<b>127</b>
TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>134</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>141</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>148</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>156</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>162</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>167</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>180</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>184</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA ALMENA CARRASCO</b> .....	<b>192</b>
CONTRA LA PRECARIZACIÓN DE LOS DERECHOS LABORALES	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>200</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>211</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>224</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>233</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>249</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	

<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>255</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>261</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>266</b>
AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>277</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>287</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>294</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>300</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>305</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>314</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>325</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>VITOR LIMA</b> .....	<b>330</b>
MOMENTO HISTÓRICO DE PROFUNDA ASSIMETRIA	
<b>A CAPA</b> .....	<b>341</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>342</b>

*“A PAGAN é para mim o modelo de Movimento Social. Todas as reuniões eram abertas a quem aparecesse. As decisões eram tomadas por quem aparecia. Ninguém foi excluído de nada. Portanto todos os processos, quer de discussão, quer de decisão, tinham um caráter democrático e tomávamos decisões por consenso.”*

---

**Vitor Lima**

## Momento histórico de profunda assimetria

*João Carlos Sousa<sup>1</sup>*

*Afirmando-se convictamente antimilitarista, anticapitalista, defensor da democracia direta e internacionalista, o seu percurso como ativista remonta a 1969, ano em que cofundou a CDE de Lisboa (Comissão Democrática Eleitoral) altura em que se licenciou em Economia pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Nos últimos anos de ditadura ingressou no PCP (Partido Comunista Português), tendo estado preso durante dois anos.*

*No pós 25 de Abril teve o seu período maoísta, com ligações a alguns movimentos. Açou duvidoso o impacto a prazo das nacionalizações que, na realidade, foram a socialização de prejuízos de grande parte das empresas nacionalizadas (ex.: banca, transportes), como fruto da descolonização e das mudanças geopolíticas havidas em 1973; à capitalização dessas empresas com fundos públicos seguiu-se o longo processo de privatização, parcialmente contra a entrega de títulos de indemnização entretanto dados aos ex-detentores daquelas empresas. Em 1983, com algumas pessoas provenientes do extinto MES (Movimento Esquerda Socialista) e da UDP (União Democrática Popular), tentaram a criação de uma associação política.*

*Ao longo do seu percurso profissional teve diferentes desafios, na marinha mercante, portos, impostos, Segurança Social e consultadoria*

---

<sup>1</sup> João Carlos Sousa é licenciado e mestre em Sociologia (Universidade da Beira Interior) com a dissertação: “Participação Política no Facebook: continuidades e reconfigurações”. Foi bolseiro de investigação (2010-2015) em diversos projetos no LabCom.IFP da Universidade da Beira Interior. Atualmente é investigador no ObeCom CIES ISCTE-IUL. Os seus interesses de investigação versam nos domínios da sociologia, ciências da comunicação, participação e mobilização política. E-mail: joaoclsousa@gmail.com

*económica e estratégica, entre outros. Atualmente, este lisboeta aposentado, dedica-se aos seus grandes interesses como: dívida, política, trabalho, Segurança Social, geopolítica, militarismo entre outros domínios, sendo autor do blogue Grazia Tanta e tendo sido cronista nalguma imprensa escrita portuguesa, durante alguns anos. A riqueza cívica e política do percurso do entrevistado ficou patente numa primeira entrevista, realizada no âmbito do mestrado do autor desta entrevista.*

### *Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos?*

Penso que há causas que têm uma dimensão suficientemente ampla para poder abarcar um conjunto muito heterogéneo de Movimentos Sociais à escala europeia e quiçá global. Desde logo a luta anticapitalista. Aliás penso que a luta contra o atual modelo de capitalismo é uma causa que deveria unir praticamente toda a gente.

A democracia, em princípio será também um desses temas no núcleo programático dos Movimentos Sociais a nível internacional, uma vez que estamos perante um modelo de democracia, que só o é de nome. Isto da democracia representativa não é mais do que um modelo profundamente oligárquico que só serve as elites e ilude a grande maioria das populações nacionais.

Um terceiro eixo programático penso passar pela discussão das desigualdades sociais. As atuais sociedades ocidentais e em particular as europeias vivem um momento histórico de profunda assimetria no que concerne à distribuição da riqueza produzida. Juntando a este facto a coincidência de que estamos perante as sociedades de maior produtividade alguma vez registada na história.

Um quarto domínio de possível ação dos Movimentos Sociais passa pela promoção de uma cultura do internacionalismo, ou por outras palavras, o combate aos nacionalismos que são em minha opinião a fonte de todas as guerras, conflitos e racismos. No fundo, tal como dizia o Espinosa “aquilo que nos une são as coisas da carne”. A este nível o programa Erasmus, de intercâmbio de alunos no espaço europeu, tem desempenhado um papel charneira na promoção da multiculturalidade e internacionalismo. Tal como as migrações, mesmo que efetuadas na base da extrema necessidade e do sofrimento; criam novas identidades e culturas que, infelizmente, são demasiadas vezes mandadas para o gueto.

O capitalismo ou a democracia dita representativa são tomados como dados pelas classes políticas e pela imprensa e as desigualdades que se acentuam são tomadas como disfunções corrigíveis dentro do próprio capitalismo. Quanto ao internacionalismo ou o militarismo, são outros tantos elementos ignorados nas classes políticas ou nos media. Nos últimos anos a contestação no seio das classes políticas centra-se nas questões de género ou de orientação sexual. Somente os Movimentos Sociais, desinseridos das lógicas do poder têm seriedade e capacidade para analisar e colocar na agenda aquelas questões que, só fora de um âmbito institucional, está bem de ver, poderão ser livre e aprofundadamente tratadas.

Um exemplo de como é possível articular as pessoas num movimento auto-gerido e com uma atividade incontestavelmente social e com potencialidades de existência duradora foi a criação da Es-Co-La da Fontinha do Porto, desmantelada pelo Rui Rio com violência.

Do lado dos obstáculos, devo destacar o papel desempenhado pelos meios de comunicação na não cobertura e promoção do debate acerca das ações e causas que movem os diferentes Movimentos Sociais. Estes (meios de comunicação social) parecem estar apenas interessados na “guerra” das audiências, recorrendo sistematicamente à narrativa do “sangue”, do escândalo, dos desastres e dos *fait divers*.

Um outro obstáculo passa pelo facto de as pessoas serem crescentemente sobrecarregadas com maior carga horária, reduzindo deste modo, a disponibilidade física e mental dos indivíduos para ações de carácter cívico, político e coletivo.

Um outro domínio de possível entrave ao desenvolvimento dos Movimentos Sociais passa pelo fomento de uma cultura de consumismo permanente e desenfreado. Às pessoas hoje em dia é-lhes incutida a necessidade permanente de estar a consumir mais e mais bens materiais. Isso, em última instância, leva ao endividamento, amarrando as pessoas a responsabilidades financeiras e de dependência de instituições financeiras. Isto tem como consequência o enfraquecimento do interesse pelas causas coletivas por parte de largas franjas da população. E sublinho o afastamento das escolas, mormente das universidades na contestação e na procura de alternativas ao dominante da TINA (*There is No Alternative*).

Finalmente, creio que a existência de elementos oriundos de Partidos Políticos, com maior ou menor grau de institucionalização, constitui um potencial obstáculo à dinâmica dos Movimentos Sociais. Isto porque procuram a manipulação, a apropriação destes Movimentos para as suas respectivas órbitas e não a dinamização social autónoma das pessoas. Ainda assim acredito que existem causas suficientes para a ação dos Movimentos Sociais nas sociedades contemporâneas, sobretudo se esses movimentos forem múltiplos, diversificados, participados, com projetos bem configurados e funcionarem no âmbito de redes rizomáticas, sem admitirem protagonismos partidários no seu seio. Na verdade, também há elementos partidarizados com comportamentos irrepreensíveis no seio dos Movimentos Sociais, mas, são casos muito minoritários. Uma participação não problemática de elementos partidarizados típicos é difícil, pois são sempre marcados pela consideração do Estado como um elemento de resolução de todos os problemas, pela aceitação do seu carácter autoritário e são defensores de hierarquias, de um vanguardismo messiânico, o que nos Movimentos Sociais não existe.

Historicamente, em Portugal, depois da rebeldia mostrada durante ano e meio após o 25 de Abril (PREC-Período Revolucionário em Curso), o regime – assustado - petrificou e coartou todas as possibilidades de evolução no sentido democrático, incutindo a ideia primária de que democracia é ausência de polícia política e eleições, nada mais. Na realidade, consolidou-se a existência de um poder intratável, distante e estranho à esmagadora maioria da população; lembro que só 3% da população está inscrita em Partidos e, se fosse possível medir o grau de militância, seria bastante menor, observando-se,



portanto, uma continuidade do salazarismo. Nesse contexto, o exercício prático da iniciativa cidadã é tomada como um apêndice que o regime benevolmente admite considerar – o caso dos orçamentos participativos é um exemplo. Ou, pior ainda, se se pensar nos entraves existentes para que não haja iniciativas populares para a realização de referendos ou mesmo para a concorrência de listas fora de emblemas partidários nas eleições autárquicas, que quando existem, são fruto de divergências no seio de Partidos, na maior parte dos casos.

### *Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos?*

A cobertura das diversas ações dos movimentos sociais é irregular e parece mover-se pelo mediatismo e espectacularização, que possam daí resultar. Um exemplo, considerando a PAGAN (Plataforma Antiguerra e Anti Nato), ocorreu no dia em que se fez a primeira reunião, numas instalações sindicais, onde a imprensa escrita apareceu, mas não a televisão. Esta última é mais seletiva. A rádio, nomeadamente a Antena 1 acompanha melhor esse tipo de coisas. A imprensa escrita acompanha algumas coisas.

Em 2010, próximo da Cimeira da NATO em Lisboa surgiu uma cabala na imprensa escrita, segundo a qual estavam cá (Portugal) mil ativistas pertencentes aos *Black Block*, que iriam proceder a descatos e destruições e houve subitamente a ideia que nós estávamos ligados a esse grupo que nunca sequer existiu. Chegaram-me a entrevistar e a perguntar se iria haver violência e eu disse “olhe pergunte à polícia. Não temos nada a ver com isso. Nós não vamos fazer violência, não vamos partir nada, vamos é fazer desobediência civil”.

Em 2010 a desobediência civil era tida como um ato quase terrorista, podendo-se definir apenas, como “um ato mediático que pode provocar alguma confusão, mas que não é ofensivo a pessoas e bens”. O *flash mob* então realizado junto da estação de comboios do Rossio é um caso de desobediência civil levado a cabo por nós. A determinada altura estamos todos ali, toca uma sirene e deitamo-nos todos no chão durante três minutos, como se tivéssemos sido mortos numa guerra. Entretanto havia alguém a distribuir papéis e assim conseguiu-se chamar atenção de várias centenas de pessoas que passavam. Isto foi uma ação mediática de desobediência civil, divulgada na imprensa, creio mesmo em diversas estações de televisão.

Outra ação foi realizada na zona de acesso da cimeira da NATO (Parque das Nações), onde umas tantas pessoas que se ligaram umas às outras, em cordão, dando as mãos, através de uns tubos, procurando impedir o acesso à cimeira pelos VIP's. Não houve violência, por parte da polícia porque estavam lá todas as televisões e rádios. A cobertura mediática oscila na mesma ordem da maior ou menor partidarização destes movimentos. A maior partidarização de Movimentos como o Que se Lixe a Troika ou a Geração à Rasca tende a conduzir a uma maior visibilidade mediática mas, a inclusão de elementos oriundos de Partidos Políticos desvirtuam os Movimentos, não só no que concerne aos objetivos, mas também aos

procedimentos internos, promovendo deste modo, uma certa opacidade, antagónica com a natureza de um Movimento Social.

Em agosto de 2014, com um grupo de pessoas onde estava incluído, organizámos uma concentração junto da sede do BES (Banco Espírito Santo), logo que se soube do descalabro e sob o lema “não queremos dinheiros públicos no BES” (<http://grazia-tanta.blogspot.pt/2014/08/o-bes-bom-o-bes-mau-e-ma-gestao-dos.html>). A imprensa apareceu em grande número desta vez, perguntando se éramos acionistas, trabalhadores do banco ou depositantes; o que não éramos. Eles não entendiam que se pode agir por dever de cidadania. O que sobrava do Que Se Lixa a Troika quiseram associar-se na organização do evento, mas recusámos, claro, uma vez que sabíamos o seu desejo de controlo. Somente apareceu um pequeno grupo de trotskistas que mostraram um cartaz para as fotografias e depois zarparam.

No inverno de 2015 estive na organização de um protesto de solidariedade com a Grécia junto da representação da EU (União Europeia); o BE (Bloco de Esquerda) atrasou-se e não conseguiu reservar o lugar. Fizemos algumas intervenções até que chegou uma manifestação do BE, com bandeiras gregas e do Syriza (Synaspismós Rizospastikís Aristerás), carros de som e gritaria; ao fim de algum tempo muitos debandaram atrás dos chefes e pudemos continuar a discutir o tema. Os tipos não conseguiam perceber que a solidariedade era com o povo grego e não com o Syriza que pouco depois mostrou bem o que (pouco) valia aquando do referendo. Não sei se, entretanto, no BE não houve queima de bandeiras do Syriza. Neste caso, somente estive lá um jornalista espanhol.

### *De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais?*

Existe uma clara tendência para uma cobertura mediática assente em pressupostos e estereótipos. Não sendo num tom pejorativo, mas sim na informação prestada e disponibilizada ao seu público. Tomando-se como caso ilustrativo as ações da PAGAN, trata-se sobretudo de ignorância. Quando eu falava, e falei algumas vezes, em nome da PAGAN, o problema deles é que queriam saber se havia ou não violência e o que eu queria era abordar a questão da NATO (OTAN-Organização do Tratado do Atlântico Norte), do militarismo, da guerra, mas eles estavam sempre a insistir com a questão “mas vai haver violência?”, a que eu respondia que “da nossa parte não há”. Quando se começava a abordar as questões de geopolítica, da guerra eu via que eles não estavam a acompanhar minimamente e que eu estava a falar para o boneco. Existe uma desvalorização aliada à ignorância relativamente às causas dos Movimentos Sociais e, portanto “agarra-se” uma imagem de violência. No fundo era isso que eles estavam a tentar vender a desbravar, porque isso é mais mediático. Eles (meios de comunicação social) gostam de ver sangue e violência e não gostam de discutir ideias. Há uma clara colagem de uma imagem de violência, de subversão aos Movimentos Sociais, por parte da imprensa em geral; e daí o menosprezo, a desvalorização, a recusa à análise de ideias porque não contidas no *mainstream*, do politicamente correto.

## *Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?*

Não é fácil distinguir as tendências ideológicas, mas é claro que são conservadores, integrados na ordem capitalista e na dita democracia representativa, privilegiando, portanto, o que releva da classe política, das grandes empresas e magnatas. Acho que têm pouca sensibilidade para a política internacional, por exemplo. Até acho que são muito provincianos, para ser sincero. Por exemplo na Grécia ou até mesmo em Espanha eles dão muito mais importância à área internacional. Um caso mais recente foi a greve geral que se fez no Brasil e aqui (Portugal) foi muito pouco noticiado; e, no entanto, aquilo teve grande dimensão e relevância. Não sendo nítido o posicionamento ideológico dos meios de comunicação, penso que esta abordagem (omissão) tem as suas raízes num certo provincianismo, que restringe as questões alvo de atenção, ao contexto nacional e muito excecionalmente à Europa. Do meu ponto de vista é evidente que há diferenças. Há diferenças no modo como somos tratados pelos diversos meios de comunicação social. Lembro-me de um caso relacionado com o semanário Sol.

O Sol era horroroso. No caso da PAGAN, quase que nos chamava terroristas. Aliás, nesse campo, há um aspeto, que quero frisar: houve uma queixa contra nós (PAGAN) feita pelo USL (União dos Sindicatos de Lisboa) e até tenho conhecimento da pessoa concreta que o fez. De um modo geral noto que há uma grande omissão, porque lhes interessa mais a política institucional e sobretudo acontecimentos que possam envolver distúrbios, ou por outras palavras um certo *wrestling*. No fundo, acontecimentos que envolvam escândalos.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Neste momento não vejo grandes Movimentos Sociais na Europa. Ainda assim houve um movimento social forte nos Estados Unidos com o *Occupy Wall Street*, mas aquilo também depois se esboroou com alguma facilidade. Não acho que, por exemplo, esse Movimento tivesse tido a devida cobertura mediática por parte dos meios de comunicação social portugueses. Como aliás aconteceu face ao 15M em Espanha na Puerta del Sol e subsequentes; alguma vez a imprensa portuguesa referiu a PACD (*Plataforma Auditoria Ciudadana de la Deuda*) ou a Plataforma de *Afectados por la Hipoteca* (PAH) é uma estrutura a nível nacional, aberta, que colocou alguns membros em elencos governativos a nível autárquico através das coligações onde está o Podemos. Em Portugal, em 2011, surgiu uma IAC-Iniciativa para uma Auditoria Cidadã, dominada pelos habituais BE e PCP, fechada e que acabou com um pedido para que fosse o governo (PSD (Partido Social Democrata) - CDS/PP (Centro Democrático Social-Partido Popular)) a criar uma instituição para proceder à auditoria e que na altura comentei no meu blogue (<http://grazia-tanta.blogspot.pt/2013/05/a-iac-mandou-toalha-ao-chao.html>). Nessa sequência participei num grupo: Democracia e Dívida, surgido em 2013, para levar a questão da dívida à população, que realizou vários debates na rua e que colocou a questão da ilegitimidade de grande parte da dívida pública. De um

ponto de vista estrutural devemos considerar que não houve o merecido foco, sobretudo porque a agenda dos media está muito centrada nas ocorrências do momento.

Os meios de comunicação portugueses, na sua generalidade, não têm preocupações de análise política ou geopolítica, análise da política internacional ou das mutações ideológicas que proliferam por todo o mundo. Nunca fazem uma análise ao funcionamento do capitalismo, quer local, quer globalmente. Não são críticos dos próprios sistemas políticos. Também não avançam muito na crítica e discussão acerca do ordenamento político e jurídico da UE.

Portanto, eu acho que eles são muito conservadores, o que no fundo tem a sua lógica, faz sentido. Se estamos perante um sistema de classes é a partir das forças dominantes que os media portugueses emanam informação e, é óbvio que eles não vão ser muito críticos. Quanto muito vão refletir a ideologia do poder. Deste modo, não vão falar das disfuncionalidades do sistema político e no tipo de representação política. Esta coisa a que chamam “democracia representativa”, que não representa coisa alguma, não é posta em causa. E eles algumas vezes abordam alguma coisa, sobre isso? Claro que não. Também não abordam a questão do militarismo ou da dívida, de modo aprofundado. Abordam as guerras, o número de mortos, bombardeamentos, sempre numa perspetiva na qual se enfatiza a quantidade de sangue derramado.

### *Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade?*

Seria interessantíssimo, caso eles tivessem uma abordagem crítica do sistema, se eles fossem recetivos às ideias que circulam nos Movimentos Sociais. Se eles procurassem fazer uma informação isenta, não estou a dizer que eles têm a obrigação de dizer “epah este Movimento Social é que é bom!”, nada disso. Creio ser prioritário o tipo de cobertura mediática isenta sobre a atividade e ideias de determinado Movimento ou dada linha de pensamento alternativo. Isso seria cumprir o papel fundamental dos media – informar. Eles não têm que fazer muito mais que isso. Por exemplo, se há ali um conjunto de indivíduos, independentemente do número, que manifesta ideias diferentes, com consistência, obviamente que eles têm de dar o devido relevo. No fundo, o papel deles deveria ser gerar a discussão, o debate de ideias, o cumprimento de um dever de cidadania.

Claro que nesse contexto poderiam contribuir para o questionamento da “democracia” que temos e fazer as pessoas saírem do seu recato para, no seio de Movimentos Sociais, lutarem por uma decisão política não oligárquica. Mas não o fazem devido às suas ligações ao poder económico e à falta de liberdade da maioria dos jornalistas, dominados por diretores e chefes de redação implacáveis a que se deve somar a fragilidade da sua situação de estagiários e precários, na maior parte dos casos.

Por exemplo, quando o Vítor Gaspar decidiu investir dinheiro da Segurança Social em títulos de dívida pública, eu com um amigo fizemos um texto (<http://grazia-tanta.blogspot.pt/2013/07/seguranca->

[social-compra-titulos-da.html](#)) para denunciar os perigos da medida e contactámos o Diário Económico que se mostrou aberto à ideia mas, que não publicou coisa alguma. Há mesmo casos de um espírito censório em jornalistas já fora da atividade como o mediático Joaquim Vieira que numa página do Facebook designada “Jornalistas” ameaça com a excomunhão quem colocar textos menos simpáticos para o regime político; o que é particularmente grave, tratando-se de um indivíduo que passou pelas prisões do fascismo.

Nos casos mais mediatizados de falsos Movimentos Sociais, havia uma evidente agenda política por detrás. Por exemplo, a mediatização fornecida a um grupo fechado de sete pessoas (Geração à Rasca) prendia-se com a manipulação da direita para a queda do governo Sócrates (o chumbo do PEC IV, a que se seguiu a pressão dos banqueiros já em abril de 2011). Recorde-se que na grande manifestação de 12 de Março havia fascistas e gente de direita que nunca mais se viram nas movimentações posteriores. O grande atrativo acabou por ser a presença dos “Homens da Luta”. O seu objetivo – queda de Sócrates – aconteceu pouco depois. E o referido grupo ainda sobreviveu, levado ao colo pela imprensa numa sucessão de atitudes provocatórias no seio da movimentação do 15O (15 de Outubro), até que desapareceu.

Em 2013 aconteceu o mesmo com o Que Se Lixe a Troika, que se constituiu também como um grupo fechado, com reuniões em locais não divulgados e atitudes de exclusão de pessoas “incómodas” para a estratégia do BE e do PCP. Estava-se em plena vigência da intervenção da Troika (composta pela Comissão Europeia, Fundo Monetário Internacional e Banco Central Europeu) e o próprio PS (Partido Socialista) pretendia que fosse a direita a “aguentar o barco”, mantendo-se na oposição, brandamente. E a grande reivindicação do Que se Lixe a Troika era exigir eleições que qualquer analista sabia, ninguém pretendia de facto – na área do Governo ou do PS, ambos subscritores do Memorando da Troika. Até porque a tutela da UE e os ditos “mercados” saberiam penalizar. O grupo, no final das manifestações limitava-se a ler um texto de tipo lamecha, perante a estupefação de muita gente que, perante tais multidões, achava que se deveria organizar a contestação e dar-lhe continuidade. Coisa que o BE e o PCP como Partidos integrados no regime não queriam. Só queriam eleições para aumentar o seu peso político.

Nestes casos a imprensa colaborou, provavelmente na ignorância acerca do que se passava nos bastidores, apoiando o espetáculo até porque muitos jornalistas também sofriam com a austeridade. Só alguns blogues (recordo o *Spectrum* que me parece já não estar ativo desde 2015 e o *Passa-Palavra* e o meu, *Grazia.Tanta*) para além de alguns jornalistas mais atentos que perceberam o filme e apontaram a coincidência entre os líderes do Que Se Lixe a Troika e alguma da classe política.

*Considerando as iniciativas dos movimentos a que pertenceu/pertence e as de natureza sindical, como vê a cobertura mediática de ambas por parte dos meios de comunicação (tv, imprensa escrita, rádio etc.)?*

Para começar devo mencionar que não tenho grande ligação ao sindicalismo. Creio que os meios de comunicação social em Portugal não prestam muita atenção aos Sindicatos; é uma perceção que tenho. Embora os sindicatos e em particular os seus líderes se ponham a jeito para terem cobertura mediática e estou a falar por exemplo do Arménio Carlos (Secretário-geral da CGTP – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses) do Mário Nogueira (líder da FENPROF – Federação Nacional dos Professores) ou do Carlos Silva (Secretário-Geral da UGT – União Geral dos Trabalhadores). No caso de haver greves eles (media) ainda dizem alguma coisa, mas de resto não dão muita voz aos Sindicatos. Eles não dizem nada.

Comparando com a cobertura feita aos Movimentos Sociais, deve-se considerar que é diferente. Desde logo, porque os sindicatos já cá andam há mais tempo e os Movimentos Sociais têm muitas irregularidades e ingenuidades nas suas atividades. Digo irregularidades porque têm dificuldade em se prolongar no tempo e criar programas e estruturas para os levar a cabo e falo de ingenuidades porque ignoram ou secundarizam a tradicional e nefasta participação dos Partidos, como aliás aconteceu na PAGAN, dois dias antes da Cimeira da NATO, quando o BE deixou de apoiar, mesmo que sempre de um modo interesseiro, já que o antimilitarismo não é uma sua bandeira. No fundo, os sindicatos são estruturas pertencentes ao poder. Eu costumo dizer que os sindicatos são direções gerais do Estado, para o controlo social. No caso da CGTP, ela tem o aparelho do PCP no apoio e isso não é de desprezar. O PCP não brinca em termos de organização, têm as coisas muito bem montadas. Aquilo funciona bem internamente em termos de comunicação e transmissão de ideias. A imprensa escrita é bem capaz de dar maior cobertura mediática aos sindicatos, comparativamente aos Movimentos Sociais, pelo menos é a minha perceção; exceto em situações como as da Geração à Rasca ou do Que Se Lixe a Troika, que na realidade, nunca foram Movimentos Sociais.

Agora um outro aspeto relevante é o facto de os sindicatos terem muito menor visibilidade no dia-a-dia, comparativamente aos Partidos Políticos, pelo menos àqueles que têm assento parlamentar, é a minha perspetiva. Sim, isso é verdade, o foco é a Assembleia da República, que permite um espetáculo constante, visibilidade, enquanto os sindicatos são estruturas burocráticas que só se tornam visíveis quando há conflitos laborais mais extremados, o que é raro. Esta é a visão que tenho do relacionamento que os diferentes meios de comunicação estabelecem com Partidos, Sindicatos e Movimentos Sociais.

Mas de um modo geral as questões dos Sindicatos não têm muito relevo mediático. Agora, a cobertura mediática dada aos Movimentos Sociais, é muito oscilante em face da sua atividade. Por exemplo no 15 de Outubro, Geração à Rasca, Que se Lixe a Troika ou a Cimeira da NATO eles (meios de comunicação social) tendem a polarização muito a cobertura. Mas como são epifenómenos rapidamente desaparecem e mais ninguém fala naquilo.

*Qual a capacidade dos Movimentos Sociais de “impor” um determinado tema ao debate público e aos meios de comunicação social em geral?*

Considero que a cobertura e o interesse dos meios de comunicação em geral relativamente às atividades dos Movimentos Sociais é bastante baixa. No caso da PAGAN houve na parte final. Esse interesse não surgiu propriamente da contestação à Cimeira, mas sim na possibilidade de haver violência, atentados e bombas. E como tinha essa expectativa de poderem reportar violência, estavam atentos, mas só por esse motivo. No final de contas eles estavam-se nas tintas para a Cimeira e no que nela poderia ser decidido e o impacto daquelas decisões a nível mundial e de guerras (como aconteceu na Líbia no ano seguinte). Grande parte do mediatismo dado à PAGAN foi oferecido pela cabala da violência que foi gerada pelo poder e que terá motivado a aquisição dos Pandur e um armamento novo para a polícia de intervenção. O que reforça a ideia de que a cobertura dos Movimentos Sociais segue um padrão estereotipado. Aliás, logo a seguir tivemos a guerra da Líbia e da Síria. No Que se Lixe a Troika também houve cobertura mediática, embora aqui não considere que seja um Movimento Social dada a sua forte partidarização e com isso uma forte ligação aos media.

### *De um ponto de vista ideal, como vê a relação entre os Movimentos Sociais e os meios de comunicação social?*

Idealmente a relação consistiria numa maior abertura por parte dos órgãos de comunicação social às ideias, ao debate de ideias e menos aos *faits divers*, aos escândalos, àquelas coisas que morrem ali. Acho que eles deveriam ter uma postura mais educativa, de formação do público em geral, do que “empestar” o debate público com *faits divers*. Como por exemplo a existência de aproximadamente 69 indivíduos da classe política que atualmente têm espaços de comentários nos diversos meios de comunicação social. Dá a impressão que eles seguem todos a mesma receita, dado verem no modelo uma oportunidade para o sucesso das audiências, mas a verdade é que esses debates são absolutamente estéreis. Não veiculam ideias, apenas *wrestling* verbal, clubismo. E dessa esterilidade resulta, por exemplo, a existência de muita gente adepta da reinstalação da pena de morte, o que é preocupante pelos valores que disso emanam. Como disse anteriormente, considerando a experiência da PAGAN, ela fez seguindo um padrão, em que as forças cívicas emanadas diretamente da sociedade são tidas como potencialmente violentas e subversivas ou desinteressantes face à agenda política institucional que acompanham. Ainda agora com a reunião do G20 em Hamburgo a cobertura centrou-se nos danos causados e nunca nas ideias e causas que estão a montante daqueles protestos e que moveram aquela gente toda.

### *Como perspetiva o papel das redes sociais (ex.: Facebook, Twitter, blogues) na ação e mobilização cívica e política levada a cabo pelos Movimentos Sociais?*

O Facebook tem-se apresentado como um veículo interessante de difusão de ideias e de comunicação. Nesta linha, considero que o Facebook desempenhou um papel relevante na mobilização, tal como os blogues. No caso da PAGAN na proximidade da Cimeira da Nato havia milhares de pessoas que iam ao blogue ver os conteúdos.

Eu vejo pelo meu blogue (*Grazia Tanta*), onde tenho 15 a 18 mil leituras por mês. O que não me parece mau. Aqui faço a comparação com as tiragens mensais do *Le Monde Diplomatique* na versão portuguesa que são de 10 mil. Portanto tenho de considerar que é bom, embora nunca tenha chegado aos 20 mil. E um dos veículos de divulgação é o Facebook. E acredito que até veio ajudar no debate. Sim, também é um instrumento para convocação de encontros, manifestações, debates e de muito lixo!

A propósito do roubo das armas e da corrupção na força aérea, aproveitei para lançar um conjunto de ideias, no seio das quais está a inutilidade ou quase inutilidade das forças armadas. Assim, coloco um conjunto de ideias com um determinado enquadramento e vejo que as pessoas leem e não se limitam ao pôr “gosto”. Para mim, normalmente quem põe apenas “gosto” limitou-se a ler o título e mais nada. Para mim isso de pôr “gosto” não é nada, não tem qualquer significado.

Normalmente partilho o *link* (no Facebook) de um determinado conteúdo do blogue e depois vejo aos números de acessos a subir. Ora isso é sinal de que as pessoas leem e vejo as métricas. Por exemplo, noutro dia coloquei o *link* de um texto no Facebook, que já tinha escrito há uma porção de anos sobre as forças armadas (no contexto do roubo do armamento miliar em Tancos). Passadas umas horas aquilo tinha cento e tal leituras a mais, mas os gostos eram apenas meia-dúzia.

Quanto aos diálogos, não tenho muita disponibilidade para estar no Facebook a tagarelar; tenho a certeza que há pessoas que dizem algo de interessante, mas a maioria não passa de superficialidades. Mas também faço abordagens mais irónicas e caricaturais dos factos, tal como aconteceu recentemente com um *cartoon* de um episódio do Asterix que se pode relacionar com o projeto dos militares depositarem as espadas à porta do Presidente da República.